

O uso de substâncias psicoativas na vida universitária: compreendendo o fenômeno

Guilherme Meirelles Borges

Marciana Gonçalves Farinha

Resumo

Este trabalho busca compreender o uso de drogas por universitários que fazem uso frequente de alguma substância psicoativa e, através do pensamento fenomenológico, abordar como esse uso é percebido por quem o realiza. Foram realizadas entrevistas com seis colaboradores estudantes do ensino superior na área de humanas a partir da questão norteadora: “Como é para você fazer uso de drogas em sua vivência universitária?”, seus relatos foram gravados, transcritos e, posteriormente, analisados. As categorias emergentes dos discursos dos colaboradores foram: Percepção da relação direta do uso de drogas com a vida universitária; Consumo de substância como facilitador social; Efeitos aparentes do uso; Busca da droga para se sentir melhor; Consciência dos efeitos negativos da substância; Visão crítica sobre o uso.

Palavras-chave: Drogas Ilícitas; Usuários de Drogas; Estudantes; Universidades.

Abstract

This research seeks to understand the use of drugs by university students who make frequent use of some psychoactive substance and, through phenomenological thought, address how this use is perceived by those who perform it. Interviews were conducted with six college students in the humanities area, based on the guiding question: "How is it for you to use drugs in your university experience?", Their answers were recorded, transcribed and later analyzed. The emergent categories of the collaborators' discourses were: Perception of the direct relationship between drug use and university life; Consumption of substance as a social facilitator; Apparent effects of use; Seeking the drug to feel better; Consciousness of the negative effects of the substances; Critical view on usage.

Key-words: Illicit Drugs; Drug users; Students; Universities.

Introdução

A Organização das Nações Unidas (ONU) em seu relatório Mundial sobre drogas estima que uma em cada vinte pessoas com idade de 15 a 64 anos tenham feito uso de alguma droga ilícita no ano de 2013. Em números totais são 246 milhões de pessoas, três milhões a mais do que registrado no ano anterior a pesquisa (UNODC, 2015).

A maconha é a droga ilícita mais usada no mundo, e no Brasil não é diferente. Uma pesquisa realizada em 2012 mostrou que 6,8% dos participantes adultos (com idades acima de 18 anos) declararam ter feito uso da droga ao menos uma vez na vida, o que totalizaria, aproximadamente, 7,8 milhões de brasileiros maiores de idade. Quanto aos adolescentes (com idades entre 14 e 17 anos) que responderam à pesquisa, 4,3% deles revelaram terem consumido maconha ao menos uma vez na vida, estimando 597 mil adolescentes (INPAD, 2013).

Ao tratarmos do consumo de drogas entre a população universitária, os dados são ainda mais alarmantes. Um levantamento realizado entre universitários das 27 capitais do Brasil mostrou que quase 49% dos participantes teriam experimentado alguma droga ilícita ao menos uma vez na vida, e afirmou que o consumo de tabaco, álcool e outras drogas é mais recorrente entre universitários do que na população geral (Andrade, Duarte & Oliveira, 2010).

Esse tema já foi explorado algumas vezes em universidades ao redor do país, como em São Paulo, onde foi realizada uma série de estudos comparativos mostrando as tendências de uso de drogas entre os alunos da Universidade de São Paulo ao longo de 13 anos e, relatando o aumento do consumo de substâncias como tabaco, alucinógenos, anfetaminas nas populações pesquisadas (Wagner et al., 2012). Este estudo compara resultados de pesquisas sobre o tema, publicadas em 1996, 2001 e 2009. O primeiro estudo, realizado em 1996, apontou o álcool e o tabaco como sendo as substâncias mais utilizadas entre os estudantes (Andrade et al., 1996). A pesquisa realizada em 2001 apresentou algumas mudanças em relação à primeira, revelando que houve significativos aumentos de consumo de maconha, alucinógenos, anfetaminas e outros ilícitos, ao menos uma vez na vida, e também nos 30 dias anteriores a pesquisa (Stempliuk, Barroso, Andrade, Nicastri, & Malbergier, 2005).

Por fim, o estudo realizado no ano de 2009, também com alunos da USP, propôs comparar os resultados obtidos, com os anteriores. Concluiu-se que entre os 13 anos de estudo, de 1996 a 2009, a utilização pelas populações estudadas, de tabaco, alucinógenos, anfetaminas e tranquilizantes durante a vida aumentou, e que durante os 30 dias que antecederam as pesquisas, o consumo de anfetaminas, feito pela população do último estudo, cresceu em comparação à primeira (Wagner et al., 2012).

Foram estudadas as drogas utilizadas com mais frequência entre universitários de Santa Catarina, com resultados semelhantes. A pesquisa mostrou que o uso de substâncias psicoativas entre estudantes de graduação é maior do que na população geral e as drogas utilizadas com maior frequência são o álcool, o tabaco, anfetaminas, ansiolíticos e a maconha, sendo esta última a substância psicoativa mais utilizada (Bortoluzzi, Capella, Traebert, & Presta., 2012).

Além da frequência de uso, algumas pesquisas buscam elementos ou fatores que possam se relacionar ao consumo de substâncias psicoativas (SPA) entre universitários, como a de Musse (2008), Silva, Malbergier, Stempliuk e Andrade (2006), e Bortoluzzi et al (2012). Como por exemplo, a influência que as propagandas de festas universitárias exercem nos estudantes, uma vez que os cartazes desses eventos apresentam, em sua maioria, referências ao uso das bebidas (Musse, 2008). Por outro lado, a influência da religião no comportamento de consumo de drogas, como traz a pesquisa de Silva et al (2006) no estudo com estudantes universitários que possuem alguma religião, tem menor tendência a usar qualquer tipo de droga, principalmente, as ilícitas (Silva et al., 2006); ou também a ligação entre a relação do estudante com a família e o uso de substâncias psicoativas. Os dados obtidos por Bortoluzzi et al, (2012) alertam que relacionamento ruim com os pais pode estar associado a maior consumo de drogas.

O uso de drogas por estudantes universitários é um problema que pela sua magnitude impacta a vida de milhares de pessoas seja pelos acidentes decorrentes do consumo abusivo, pelos riscos a que os usuários estão expostos, E o uso de SPAs como fator de aumento de situações de risco, como atividade sexual sem segurança, beber e dirigir, e até condições de saúdes relacionadas, como transtornos depressivos, comportamento suicida e sintomas psicóticos (Andrade et al., 2010). Apesar da existência de estudos sobre o assunto, eles deixam lacunas sobre a temática, que requer outros estudos.

Esse estudo tem como objetivo compreender o uso de drogas por universitários que fazem uso frequente de alguma substância psicoativa. E especificamente conhecer como esse uso é percebido por quem o realiza; os motivadores que os levaram a usar alguma SPA; a influência da vivência universitária no uso de substâncias psicoativas.

Método

A fenomenologia surge como uma nova maneira de abordar e explicar o fenômeno do conhecimento meio ao que Husserl chama de crise da razão, quando a filosofia estava desacreditada como ciência e as ciências positivistas avançavam fortemente, mas nenhuma se

mostrava capaz de responder rigorosamente questões de caráter humano (Goto, 2008). Fazendo não só críticas às formas de pensar da época, que prevalecem até hoje, mas também propostas de novas maneiras de abordar e explicar fenômenos que antes, as ciências não conseguiam. E é neste “tom” que as abordagens qualitativas de pesquisa crescem.

Os métodos qualitativos de pesquisa abrirão mão de tentar alcançar generalizações acerca de determinado fenômeno ou de tentar medi-los quantitativamente, portanto não utiliza de dados numéricos, mantendo sua proposta inovadora em relação à forma de pensar positivista. O pesquisador qualitativista compreende a utilidade dos dados e qualificações numéricas em relação a determinado fenômeno, assim como a aplicabilidade prática dos mesmos (como, por exemplo, a compreensão da quantidade de usuários de drogas para o desenvolvimento de políticas públicas), portanto, ele entende que isso não é o significado do fenômeno. No entanto, essa abordagem não abrirá mão do rigor de pesquisa, apenas mudando-o e, empregando um rigor próprio ao tratar de fenômenos ou aspectos dos fenômenos que não são compreendidos quantitativamente.

Nessa perspectiva da pesquisa qualitativa, não só o desenvolvimento do método, mas também sua aplicação adquire uma importância, pois identifica as particularidades, as individualidades, exige um olhar atento do pesquisador, capaz de perceber as menores diferenças, imperceptíveis pelo olhar comum (Turato, 2003). O pesquisador, portanto, ocupa um lugar de instrumento, que deverá alcançar e captar o fenômeno, e como qualquer instrumento, ele precisa estar “calibrado”, ou seja, capaz de efetuar sua função da melhor forma possível. Portanto, o pesquisador deve estar treinado para deixar “entre parênteses” suas concepções prévias ao lidar com o fenômeno, mas sempre ciente do seu viés, uma vez, que ele não é capaz de olhar o objeto por todas as perspectivas, isto é tratar do fenômeno objetivamente.

O método fenomenológico de pesquisa não busca explicações ou generalizações sobre tal fenômeno. Mas, como afirma Turato (2005), o método qualitativo de pesquisa não é definido por essas negações. Para compreender o método fenomenológico e realizá-lo, deve-se entender sua proposta de, não se ocupar do fenômeno como coisa existente excluída do sujeito, mas sim do significado individual que tal fenômeno tem na vida das pessoas.

Turato (2003) aponta isso quando diz que o pesquisador da Ciência do Homem é pesquisador da “Ciência do Particular”. Ele, assim como a Fenomenologia, entende que os homens possuem algo em comum, mas ainda sim, são diferentes, individuais. Dessa maneira, a perspectiva qualitativa valorizará e dará ênfase a essas diferenças, pois será a partir delas, reconhecendo-as e lidando com elas, que será possível identificar também o comum. E tratar

de um fenômeno olhando-o sobre diversas perspectivas pode trazer à luz essas diferenças, portanto, o método de lidar com os fenômenos, o caminho que será traçado, deve ser cuidadosamente pensado, para que ele possa alcançar essas particularidades ao máximo. A fenomenologia objetiva descrever a estrutura total da experiência vivida acerca do fenômeno que quer ser estudado, busca compreender os significados que este possui para quem o vivencia.

A fenomenologia tem seu início com os pré-socráticos (Husserl, 1986), mas neste texto trabalharemos com a Fenomenologia na perspectiva do filósofo alemão Edmund Husserl. Desde Husserl, a fenomenologia foi ampliando seu espaço, ocupando outros âmbitos. Dessa maneira, para expressarmos uma definição mais objetiva de o que é a fenomenologia, seria interessante que partíssemos da definição etimológica da palavra. O termo “fenomenologia” é formado por duas partes derivadas de palavras gregas. “Fenômeno”, que significa “aparecer” ou “se mostrar”. “Logia” (logos), que significa “palavra” ou “dizer”, possuindo também uma definição filosófica de “razão” ou “capacidade de racionalização”. Dessa maneira, a fenomenologia toma como sua definição o discurso ou descrição racional de um fenômeno, ou seja, daquilo que se mostra (Bello, 2006).

A fenomenologia, portanto, se ocupa desses “fenômenos”, compreendendo as implicações que eles trazem. Quando tratamos de um fenômeno como algo que se mostra, a fenomenologia reconhece que ele é mostrado a alguém, a nós, a pessoa, e o sentido é apreendido por quem o percebe.

A fenomenologia propõe estabelecer à filosofia uma posição de saber evidente e absoluto. Se consolidando como a ciência daquilo que aparece em absoluto, enquanto revelada à consciência. Essa é a proposta de caracterizar a fenomenologia como a ciência dos fenômenos, se ocupando da investigação do que se mostra à consciência, o que implica em investigar esse fenômeno em todas suas possíveis significações, perspectivas e prismas (Goto, 2008).

Ela surge, então, para fundamentar o conhecimento, se interessando pela descrição precisa desses fenômenos. Quando tratamos de fenômenos como “as coisas que se mostram”, não nos fechamos a lidar apenas com o que nos aparece fisicamente, como os objetos que nos circundam, mas também com ideias, fenômenos abstratos, conceitos, noções, etc. Assim, tudo que a nós se mostra, será tratado como fenômeno passível de compreensão, e o que entra em questão, é a compreensão do sentido das coisas, independentemente da existência ou não desse fato, o que interessa é seu sentido. A fenomenologia busca atender a questão “o que é”, através da descrição dos fenômenos e do processo, do ato, de conhecer (Bello, 2006).

E para que seja possível a compreensão do “processo” e dos atos de conhecer deve ser entendido “o que é” a consciência, e isso abre questões em todas as dimensões do humano. Essa “esfera” da consciência é essencial na fenomenologia e aparece como uma de suas propostas mais inovadoras. A fenomenologia compreende que a consciência não é um lugar físico ou específico no humano, seja de caráter espiritual ou do seu psiquismo. Nós nos conhecemos e reconhecemos, e assim fazemos com as dimensões físicas, espirituais e psíquicas do homem porque temos consciência. Temos consciência da consciência, portanto ela não é lugar, é processo.

Levando isso em consideração, a fenomenologia vai tratar não apenas de descrever os fenômenos, mas também de compreender o processo de conhecer, e de todos os atos que nesse conhecer se implicam, como o “reconhecer”, “ver”, “lembrar”, e vários outros. Levantando a questão de quais atos, na relação do conhecer, estão em jogo.

Husserl afirma que é possível compreender o sentido das coisas, e que essa capacidade é universal do humano e que todo fenômeno, por se tratar daquilo que se mostra, é passível de ser conhecido. A fenomenologia compreende que algumas coisas têm seus sentidos facilmente compreendidos, mas outras não (Bello, 2006). O sujeito, quando em uma atitude natural, ao lidar com o mundo e “receber” as coisas, ele atribui a elas concepções e significados além de sua essência, ele vê nos fenômenos aspectos além da coisa mesma. Dessa maneira, o chegar à essência é uma das dificuldades encontradas na busca pelo sentido das coisas, pois para que possamos realmente conhecer as coisas, devemos livrá-las, ou limpá-las, dessas “contaminações”.

Porém, isso pode ser alcançado quando um caminho é traçado visando esse “conhecer” da essência. Portanto Husserl desenvolveu um método aplicado para alcançar a compreensão dos fenômenos. Uma postura específica do pesquisador, e uma determinada maneira de lidar com o fenômeno constituem esse método que, para mais fácil entendimento, pode ser dividido em duas etapas: a Redução eidética; e a Redução Transcendental.

A Redução Eidética vem do reconhecimento das concepções e impressões que temos das coisas além delas mesmas, a redução eidética é, junto com esse reconhecimento, a proposta de buscar a essência das coisas, uma vez que vistas como compreensíveis. A redução eidética é a abdicação dos aspectos do fenômeno além da coisa mesma, é uma postura que se opõe a atitude natural (hábito acrítico) do sujeito diante do mundo (Goto, 2008). A redução eidética determinará então uma postura do sujeito enquanto em relação com o objeto, diante do fenômeno, de interesse pelo sentido, pela essência, deixando de lado aspectos além desses,

até a própria existência da coisa (existência por ela mesma, “em si”), é posta de lado (Bello, 2006).

A Redução Transcendental é um “momento” quando o sujeito entra em reflexão, lugar do sujeito na relação do conhecer. Um sujeito com suas condições e, portanto, as implicações que elas geram nesse conhecer. Quando pensamos o lugar do sujeito na relação com o objeto, acabamos por pensar também no lugar do próprio objeto e as formas que ele toma e, quando tratando do ato de percepção, a fenomenologia compreende duas “formas” do objeto, o objeto “dentro”, e o objeto “fora” do sujeito.

Quando realizamos um ato perceptivo, por exemplo, quando vemos um objeto, independentemente de realizarmos ou não uma reflexão sobre o objeto em questão, nós o percebemos, estamos em relação com ele e, enquanto objeto percebido ele está dentro de nós. A fenomenologia compreende que o objeto está dentro de nós uma vez que sabemos de sua existência. E esse ato de ver determinado objeto constitui o ato de percepção do mesmo, mas além desse “ver”, outra coisa que constituirá esse ato é o próprio objeto como coisa física existente passível de ser conhecida. Então, esse objeto enquanto coisa existente está fora.

Isso se aplica a qualquer ato perceptivo, ou seja, a qualquer objeto conhecido, e a qualquer forma de percepção do mesmo (visão, olfato, tato, etc). Enquanto percebo algo, estou experienciando esse algo que aparece para mim, que enquanto objeto percebido está dentro de mim, é meu (ao qual darei sentido). Mas enquanto objeto existente está fora.

A fenomenologia tem dentre seus pressupostos, o entendimento de que a consciência não é um “lugar”, e o conhecimento não é um “estado”, mas que ambos são processos, uma relação entre sujeito e objeto, e os sentidos e significados de determinado fenômeno são atribuídos por quem o vivencia. Essas compreensões da fenomenologia acerca da consciência, do sujeito, do objeto, e da relação que é o conhecer, determinam o método de pesquisa fenomenológica como uma abordagem que reconhece e busca os sentidos e os significados que determinado fenômeno possuem para a pessoa a quem tal coisa se mostra. Ela tem então como foco as experiências vivenciadas, o fenômeno que se manifesta e os significados a ele atribuídos por quem o experiencia, atenta para essa relação entre sujeito, objeto e mundo (Martins & Bicudo, 2005). E para alcançar esse fenômeno “situado” no indivíduo, o pesquisador necessita do relato da experiência do sujeito como material de trabalho, para, através dele, compreender seus significados e tentar alcançar a essência do fenômeno. Portanto, isso será realizado através do discurso (Farinha, 2006).

Deste modo, o fenômeno será estudado através do discurso apresentado pelo sujeito. E para que isso possa ser feito, a pesquisa fenomenológica deve ser realizada com uma

entrevista que parte de uma questão inicial, com a função de nortear essa conversa e guiá-la, para que o objetivo determinado, anteriormente, seja atendido.

Segundo Martins e Bicudo (2005) a análise do depoimento deve ser realizada em quatro momentos: O primeiro momento é quando o discurso deve ser transcrito e lido atentamente, primeiramente sem interpretação ou identificação de elementos do texto, com a intenção de compreender o sentido geral do relato. No segundo momento o pesquisador deve reler o que foi descrito, para que, nessa etapa, ele discrimine as unidades de significado, buscando interpretar e compreender esses significados dados ao fenômeno, para que ele possa identificar as divergências e convergências presentes nos relatos. O terceiro momento consiste no agrupamento das unidades de significado identificadas anteriormente em categorias, para que o psicólogo, instruído pela fenomenologia, possa compreender essa vivência do entrevistado, através de reflexão e variação imaginativa, ou seja, concebendo todas as possíveis variações relativas ao conteúdo em questão. No quarto momento é feita a compreensão e interpretação, sempre nas bases da fenomenologia, das categorias determinadas para que seja possível uma descrição da estrutura psicológica do fenômeno em questão. É quando o significado do fenômeno é alcançado e pode ser compreendido.

É necessário, para a realização dessa análise, que o pesquisador realize a redução fenomenológica. Na condução e na análise da entrevista o pesquisador deve aderir a postura de fenomenólogo, suspendendo quaisquer tipos de julgamento, preconceitos e conhecimentos prévios, para que ele possa distinguir, no discurso apresentado, questões que são, ou não, significativas (Farinha, 2006).

Procedimento de Coleta de Dados

Os colaboradores foram escolhidos por indicações e abordados virtualmente pelo pesquisador e convite foi realizado aos estudantes. Após o aceite pelo colaborador, o pesquisador combinou diretamente com ele o dia, horário e local mais adequado para ambos e foi marcada a data da entrevista. Os encontros para as entrevistas foram feitos pessoalmente de forma que não expôs ninguém e os objetivos da pesquisa foram apresentados.

Aspectos Éticos

Foi utilizado nesta pesquisa o TCLE (Anexo 1), onde esclarece aos colaboradores todos os objetivos da pesquisa, a maneira como os dados seriam coletados, e todos os procedimentos envolvidos no estudo. Nos dias da coleta de dados os participantes foram mais uma vez informados sobre a pesquisa, seus objetivos e solicitados que assinassem o Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE, Anexo 1). As entrevistas foram realizadas individualmente e todas foram, com a permissão dos entrevistados, gravadas pelo pesquisador, transcritas por ele próprio e, logo após, o áudio foi apagado.

Foi garantido aos colaboradores e documentado através do termo assinado, total anonimato. Todos os envolvidos são maiores de idade. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética CAAE: 92353518.4.0000.5152.

Instrumento

Esta pesquisa foi realizada com uma entrevista semiestruturada como instrumento. A questão norteadora utilizada foi a seguinte: “Como é para você fazer uso de drogas em sua vivência universitária?” Ela foi elaborada com o intuito de permitir que o participante abranja o tema até onde desejar, mas não deixando de lado o objetivo que a pesquisa tem previsto inicialmente, de buscar acessar, a partir da compreensão dos colaboradores, a relação da vivência universitária, com o uso de drogas.

Colaboradores

A pesquisa foi feita com a participação de seis alunos (matriculados e frequentes) em uma universidade mineira da área de humanas. Os colaboradores são de ambos os sexos, todos maiores de 18 anos de idade, que realizam consumo frequente de drogas e aceitaram participar voluntariamente da pesquisa, realizada através de entrevistas individuais com cada um deles. Os participantes são de diversos períodos de diferentes cursos da área de humanas. Eles são: A.: 21 anos, primeiro período. Primeiro uso durante a faculdade; L.: 19 anos, terceiro período. Primeiro uso durante a faculdade; M.: 22 anos, décimo período. Não relatou sobre o primeiro uso; J.: 22 anos, nono período. Primeiro uso antes do ingresso na universidade; D.: 23 anos, décimo período. Primeiro uso antes do ingresso na universidade; P.: 20 anos, quinto período. Primeiro uso antes do ingresso na universidade.

As substâncias psicoativas consumidas entre os participantes foram identificadas nos relatos como: maconha, LSD, DMT (dimetiltriptamina), ecstasy, outras anfetaminas e inalantes. Todos os participantes apresentaram ter a maconha como a droga de escolha de uso recorrente.

Resultados e Discussão

Os relatos dos entrevistados oportunizaram a identificação das unidades de significados delineadas que foram: Percepção da relação direta do uso de drogas com a vida universitária; Consumo de substância como facilitador social; Efeitos aparentes do uso; Busca

da droga para se sentir melhor; Consciência dos efeitos negativos da substância; Visão crítica sobre o uso.

Relação entre o uso de drogas e a vida universitária

Os colaboradores reconheceram e relataram a relação direta de suas vivências universitárias e seus usos de drogas, perceptível desde o ingresso na universidade. Os entrevistados exploraram as maneiras como suas vidas foram afetadas, apontaram as mudanças que eles identificam que ocorreram após o ingresso no ensino superior.

O colaborador J. identificou importantes mudanças nas suas relações, e em sua vida em geral, como vemos a seguir:

Aí entrei na faculdade e aí as coisas começaram mudar um pouco. (...) eu comecei a experimentar mais (...) eu estava perdendo um monte de relação que eu tinha no ensino médio, a minha vida mudou totalmente, mudei de casa muitas vezes, mudei bastante de situação de vida (...). J.

O relato de M. também demonstra a mudança que o ingresso na vida universitária causou no seu uso de drogas. Ele relatou um aumento do seu contato com drogas logo quando inicia a universidade, dizendo: “Logo no início quando eu tive um contato maior com drogas, foi logo no início da minha vida universitária mesmo, quando eu entrei na universidade”.

O participante P. também reconhece uma mudança em sua forma de pensar que ocorreu após seu ingresso na universidade e no decorrer de sua vivência acadêmica, como vemos em suas palavras: “(...) só que aí quando você chega na faculdade minha cabeça mudou, assim, bastante, do começo da faculdade até agora (...)”.

Andrade, Duarte e Oliveira (2010) chamam a atenção para um aspecto, segundo os autores, a experiência universitária é compreendida como um período crítico e de maior vulnerabilidade para o início de uso de drogas por ser um momento na vida do adolescente ou no início da vida adulta marcado pela busca de novas experiências. Para Dázio, Zago e Fava (2016) o ingresso na universidade representa uma oportunidade para a construção de uma profissão, mas vem acompanhada de diversas mudanças na vida da pessoa que podem levá-la ao uso de SPAs. Dentre estes fatores estão a mudança de hábitos e rotinas, adaptação a um ambiente novo, maior distanciamento dos pais, formação de novas amizades, e maior possibilidade de acesso às drogas, tanto lícitas quanto ilícitas.

Isso pode fazer da universidade um ambiente que possibilita o uso de SPAs com o fácil acesso delas. O reconhecimento disso fica claro na fala de D., que relatou do seu uso dentro de uma realidade que lhe apresenta diversas substâncias com mais facilidade.

(...) porque se for falar de droga assim na faculdade você tem muito contato, você vê tudo né. Você vê cocaína, doce (LSD), ecstasy, no meu caso mesmo eu nunca fui afim, só sou maconheiro mesmo (...). Falando de maconha a faculdade pra mim é o acesso a ela, é o acesso que não tem outro lugar no Brasil que te propõe. Não tem. Porta de entrada para as drogas é a faculdade. D.

Além dos impactos que a vivência universitária causou em sua vida, J. relatou a relação direta que ele compreende entre seu uso de drogas e sua vida acadêmica, as vezes percebida como estressante. Reconhece como a forma que ele se sente nas aulas influencia seu uso e identifica o lugar que a droga ocupa nesse aspecto de sua vida, inclusive na universidade como espaço físico.

(...) eu preferia matar aula e fumar um beck no Jambolão ou fumar, sei lá, na casa da minha mãe do que ficar assistindo e ouvindo um trem que eu não gostava e ficando triste (...) então algumas aulas eu saía dez e meia da noite já ia para casa da minha mãe “fumar um”, por exemplo, pra ficar de boa (...). J.

O colaborador L. também identifica o lugar que o uso de drogas ocupa na sua vivência universitária. Ele relatou que em momentos o uso de drogas aparece nesse cotidiano de forma direta, “*Então tipo acontece de as vezes eu fumar no meio disso. Por exemplo, estou no meio de uma aula chata e alguém me chama pra fumar, e aí dá vontade sabe?*”.

Segundo as autoras Dázio, Zago e Fava (2016) o estresse também tende a indicar padrões de consumo de drogas. Compreendemos isso nas falas dos colaboradores quando estes relatam o uso de substâncias durante aulas indesejadas. Nóbrega et al. (2012) reconhecem a implicação do estresse no consumo de drogas. Eles identificaram que entre os estudantes, o excesso de tarefas, cobranças, e exigências pela universidade eram fatores estressores, e que eles, portanto, recorriam ao consumo das substanciais, em casos até mesmo dentro do campus.

Consumo de substância como facilitador social

Percebemos no discurso dos colaboradores o reconhecimento do consumo de substâncias psicoativas como um elemento presente na interação e integração social. A partir da fala dos participantes é possível perceber o uso de SPAs como: propiciado por novos grupos sociais; estratégia de integração; fator em comum no grupo; e possibilitador de diferentes interações sociais.

A universidade se apresenta aos recém-ingressos como um ambiente que permite a expansão das relações sociais, e o consumo de substâncias pode aparecer junto, seja como um

facilitador nessas relações, ou como um comportamento propiciado por elas. O colaborador M. afirmou os impactos que o início de sua vida universitária teve nas suas relações sociais, como forma de expandir o ciclo social que ele possuía anteriormente, assim como a gama de lugares e pessoas novas que ele teve contato. Ele entende que isso causou grande impacto em sua vida: *“foi onde eu expandi meu ciclo social, comecei a conhecer pessoas novas, frequentar lugares novos, e, com certeza, influenciou maior parte da minha vida (...)”*.

O ingresso na vida universitária possibilita aos estudantes diferentes experiências que antes eles não conheciam. Dentro desse mundo, o contato com novas pessoas, grupos e lugares, é notável. A formação de outros círculos de amizade, a interação com diferentes grupos sociais, influencia a vida dos estudantes, e nessas diversas interações é possível encontrar no uso de drogas um meio de alcançar prazer (Dázio et al. 2016).

Podemos observar isso no discurso do colaborador J., que percebe o seu ingresso na vida universitária como um momento em sua vida onde ele teve acesso a diversas coisas novas, como pessoas, eventos, festas, tudo que aumentou sua possibilidade de ter contato com drogas, e novas formas de experimentá-las. Relatou: *“comecei conhecer muitas coisas novas, pessoas diferentes, uma vida totalmente diferente do ensino médio, e tive acesso a mais coisas, festas, eventos, e isso me abriu mais portas para poder experimentar drogas com outras pessoas além dos meus irmãos”*.

E para esse colaborador, a droga, mais especificamente a maconha, teve uma evidente função de facilitador social em sua vivência. O consumo dessa substância serviu como estratégia, ou seja, como um recurso que ele encontrou para alcançar essa integração social que anteriormente ele não tinha. Ele relatou que *“a maconha estava meio que parecendo uma coisa para eu me integrar socialmente a eles, a forma de eu sentir algum afeto, uma forma de entrar, porque antes eu não conseguia, e aí a maconha estava permitindo isso”*.

Segundo as autoras Dázio et al. (2016), a necessidade de se criar uma identidade como universitário, atender às expectativas destes diversos espaços sociais, e como forma de se integrar a isso tudo, o comportamento dos universitários sofrem mudanças de acordo com as imposições dos grupos sociais em questão. Esse novo ambiente social propicia a experimentação das drogas e a continuidade do uso para alcançar o pertencimento ao grupo. Zeferino et al. (2015) compreendem que ambientes como grupos de pares levam o sujeito a sentir a necessidade de corresponder às demandas sociais como também de receber recompensas sociais.

Na fala de D., podemos perceber o consumo de SPAs anterior à algumas relações, mas que atuou como um fator de identificação social, um elemento em comum no grupo. Ele nos

mostra em seu discurso o reconhecimento da universidade como um ambiente que propõe ao indivíduo a oportunidade de encontrar grupos aos quais pode se pertencer, e compartilhar de interesses e comportamentos, identificando também o uso de SPAs, a maconha, especificamente, como elemento comum de socialização.

(...) Então tipo é aquilo uma coisa chama a outra né, quando você fuma você acha que todo mundo fuma, aí você vai ficando próximo dessas pessoas. E até hoje são os meus melhores amigos, é a galera que eu saio (...) e de lá pra cá praticamente tudo que a gente fez foi com maconha (...) porque é isso que a faculdade propõe. Ela te propõe um grupo pra você estar junto e você pode transferir para outros grupos alternativos, e quando você se depara com todos os grupos tendo maconha como forma de socializar, você não fica sem fumar. Você sabe que seu amigo vai sair, você sai com ele e fuma. É isso. D.

Vargas reconhece que o uso não medicamentoso de drogas começa, de forma geral, por iniciação, onde os recém “chegados” são introduzidos nessas práticas por amigos, e que esse uso, segundo Pignarre (1999), é propagado conforme um sistema ou dispositivo epidêmico. Este dispositivo epidêmico, portanto, compreende a iniciação por repetição, uma forma de contágio imitativo, onde as substâncias se tornam elemento compartilhado pelo grupo, este que se torna a companhia de preferência no uso de drogas.

Já no discurso do colaborador A., vemos o consumo de SPAs como possibilitador de diferentes interações sociais. Ele apresenta em sua fala o reconhecimento da relação entre seu uso de drogas e sua convivência social. Ele consegue encontrar os momentos em seu convívio que o uso de drogas aparece, mas também consegue identificar os momentos de consumo de SPAs que possibilita uma interação que, segundo ele, talvez não aconteceria se não tivessem o consumo como fator propiciador da relação. A. também afirma que essa formação de grupos sociais é uma característica notável no que ele chama de uma “cultura canábica”.

(...) Mas também conhecer pessoas com quem talvez eu não tivesse nem trocado ideia, que tavam ali fumando um, a pessoa cola querendo fumar um também, e a gente acaba conversando. É um círculo social, e falando de uma cultura canábica, cara, isso é muito real. Não tem como negar que em alguns aspectos as pessoas formam um grupo... em vários aspectos. (...)A.

Wagner e Andrade (2008) citam a pesquisa de Barría, Queiroz, Nicastri e Andrade (2000), que apresenta o consumo de drogas entre universitários relacionado ao fácil acesso que eles possuem e a uma vida social intensa, fora de suas casas, e em grupos. Segundo os autores, esse ambiente onde eles estão inseridos, é mais aberto ao uso. Este fácil acesso é exposto na fala dos colaboradores que muitas vezes dizem acontecer por meio de colegas, isso

denuncia o caráter socializador do consumo de drogas, tanto na formação de vínculos, como no mantimento dos mesmos.

Experiências vivenciais do uso

Os relatos apresentados delimitam a compreensão que os colaboradores possuem das sensações e dos efeitos que o uso de drogas provoca neles. As sensações declaradas pelos jovens vão desde relaxamento, tranquilidade, felicidade até pensamentos e formas de perceber a vida de outra maneira.

O participante J. relatou sua primeira experiência com o LSD, e identificou a forma como a substância o fez sentir. Essa primeira experiência possibilitou a ele uma forma diferente de ver as coisas, inclusive aquele momento. Ele caracteriza a experiência como algo muito diferente do que ele conhecia. Em seus dizeres: *“Eu tomei isso e eu tive uma experiência muito diferente, assim, foi uma droga psicoativa que, sei lá, me mostrou um jeito de ver a vida, um jeito de ver aquele momento, de uma forma muito diferente”*.

Este colaborador também identifica a maneira como o uso de maconha o faz sentir. Ele compreende que usar essa substância apresentou para ele coisas novas, que ele chama de um “outro lugar”. O consumo da droga suscitou nele uma nova forma de viver, e de pensar. Segundo ele, *“A maconha foi, como se diz... uma porta... sei lá, um atalho para outro lugar, uma outra coisa, outra forma de viver a vida, pra ter outros pensamentos (...)”*.

Além dessa nova forma de viver, pensar e compreender o momento, que o colaborador apontou, ele também expressa o efeito tranquilizante e de relaxamento que a droga possui para ele e como ele emprega e aproveita desse efeito em sua vida.

Então eu ficava triste e sabia que tinha essa felicidade ali. Não sei se é felicidade a palavra certa, mas esse momento ali de relaxamento usando maconha principalmente (...). E era só isso véi, era um pretexto para eu poder utilizar esse tempo e no final ali eu ia ter a maconha para fumar, e era o que ia me deixar tranquilo (...). J.

Vargas (2006) considera as “ondas” das drogas como acontecimentos. Ele supõe que o que acontece no uso de SPAs são eventos (costumeiramente apelidados de “ondas”) que envolvem a ideia de “sair de si” e esse ato, que ele identifica como autoabandono, é intencionalmente buscado pelos usuários. Na sua visão, o consumo de SPAs promove modos singulares de envolvimento no mundo, através das alterações produzidas pelas substâncias, que se mostram como mediadoras indispensáveis. Vargas (2006) diz que trata de “sair de si” ou sair da “realidade” cotidiana e perceber as coisas e pessoas segundo outro registro intensivo de realidade. Estes “eventos” envolvem alterações, como uma “troca de canal” que

promovem transformações e deslocamentos que pressupõem entrega, autoabandono, uma vez que estes eventos não estão sob o controle nem dos usuários, nem das substâncias.

O entrevistado L. abordou como ele compreende o efeito que a droga causa nele. O colaborador relatou que o uso de SPAs provocou nele, pela primeira vez, uma sensação específica e ele entende esse efeito como algo benéfico, argumentando que se não tivesse seus benefícios, que se não lhe causasse bem, não usaria: *“E tipo era primeira vez que senti alguma coisa, me trouxe algum benefício, porque lógico que você não vai usar um negócio que só te traz malefícios, então meio que... eu não sei explicar direito”*.

No relato de M. conseguimos identificar a percepção que ele tem da droga também como algo diferente do que ele conhecia, uma vez que ele compreende o efeito da droga como algo que possibilita o alcance de algo desconhecido. Ele fala de *“certas escolhas que poderiam levar para outro lugar além daquele, sabe?”*.

Sipahi e Vianna (2001) afirmam que são diversos os motivos que podem propiciar alguém fazer uso de drogas, porém a forte sensação de prazer que este consumo produz, suscita o novo uso. Os autores falam de uma nova vivência, completamente diferente da previamente conhecida, que o início do uso de drogas possibilita, transformando modos de sentir, possibilitando experiências até então apenas imaginadas. Isso faz do consumo dessas substâncias uma forma de alcançar um novo viver, mais agradável e prazeroso.

Percebemos isso nas falas dos colaboradores, que apontaram os efeitos que o uso de drogas causa, e as novas vivências que possibilita. Diferentes formas de pensar, de vivenciar o momento, a ocupação de um outro “lugar”, se dá presente, na vivência dos participantes da pesquisa, através do uso de drogas.

A produção de sensações desconhecidas e diferentes das cotidianas, assim como a compreensão dos efeitos das drogas como prazerosos, podem levar os estudantes a utilizarem SPAs (Dázio et al., 2016). A sensação de prazer no consumo da droga, muitas vezes, influencia que a pessoa volte a usar a substância (SENAD, 2001). Este motivador também foi encontrado em uma pesquisa de Coutinho, Araújo e Gonties (2004), que apresentou o efeito prazeroso das drogas como a justificativa do uso de 78% dos participantes da pesquisa.

Dimensão terapêutica da vivência do uso de drogas

Nos discursos dos participantes foi possível identificar o uso de substâncias psicoativas por parte deles como uma maneira de lidar com certos sentimentos, pensamentos, desafios e até fases de suas vidas. Os participantes disseram buscar o consumo de drogas em momentos de tristeza, estresse, e alta exigência.

O colaborador A. reconhece o seu uso como um momento de relaxamento, um dos poucos momentos que ele tem em sua vida, e a forma mais fácil de relaxar meio a diversas exigências da vida e da universidade. A maneira de lidar com a forma que a vida, assim como a universidade, o fazem sentir.

(...) Já o meu uso de maconha ele se relaciona muito mais a uma questão de me descansar de mim mesmo em alguns aspectos, sabe? Então, eu estou chegando de um dia de aula ferrado, e tudo que eu estou querendo é um tempo para virar e não ficar fritando só naquilo, e poder sair disso um pouco, a maconha me ajuda nesse sentido e até bastante. (...) Então entra esse uso de droga com uma forma mesmo de se retirar de algumas coisas, se retirar temporariamente claro, de algumas coisas que por vezes se tornam um pouco pesadas demais para a gente simplesmente bater de cara. Sabe? A gente precisa desse distanciamento... A.

No Levantamento Nacional feito por Andrade et al. (2010), consta que o maior motivador para o consumo de SPAs citado pelos universitários pesquisados foi a possibilidade que as substâncias proporcionavam de lhes fazerem esquecer dos problemas cotidianos. Pensando numa experiência acadêmica que ocupa grande parte da vida da pessoa, e das várias exigências que esse ambiente impõe aos indivíduos, o uso de SPAs pode ser uma forma de lidar ou até esquecer dessas questões.

No relato de P. podemos ver que o consumo da droga causou uma sensação de alívio em relação às preocupações causadas pela universidade: *“na hora que eu fumei um eu falei: nossa, foi tirar um peso gigante das minhas costas, eu tava um tempão me dedicando nisso”*.

Dázio et al (2016) compreendem que o consumo de SPAs é frequentemente percebido pelos usuários como uma forma de diminuir o estresse, no caso de estudantes do ensino superior, comumente causado por exigências da vida acadêmica. Chiapetti e Serbena (2007) por sua vez especificam que dentre os motivos mais mencionados para o uso frequente de drogas, assim como a diminuição do estresse, está a quebra de rotina. É possível ver no discurso de A. a forma como ele compreende seu consumo de SPAs como uma maneira de quebrar essa rotina, de se distanciar das cobranças da universidade. O consumo dessas substâncias para ele é um modo de lidar com problemas causados pela vivência acadêmica que não seja simplesmente enfrentando-os sempre de cara, porque muitas vezes eles podem ser mais do que ele consegue aguentar.

O participante J. reconhece no seu uso de drogas a busca para se sentir melhor. Ele identifica que em momentos de sua vida onde a tristeza é mais presente, ele tende a recorrer à droga para se sentir bem como vemos em suas palavras:

E quando tem essas quedas então, esses períodos mais tristes da vida eu realmente percebia que eu tinha tendência a recorrer à droga, a maconha principalmente (...) porque era a coisa que eu tinha mais fácil pra poder me sentir bem, e não ficar pirado, sabe? (...) era o momento que sei lá parece que relaxava sabe minha cabeça, ficava de boa, era como se fosse o momento assim, de torpor mesmo, pra ficar relaxado e aquilo me deixava bem, então tinha dias que eu precisava fumar maconha porque é o que ia me deixar de boa (...). J.

O filósofo alemão Martin Heidegger ao questionar o que é o ser, propõe o termo Dasein, ou o Ser-aí, configurando o caráter específico do homem ser que se constitui existindo. Heidegger (2012) afirma que uma de suas condições fundamentais é que o homem nasce livre. O Dasein é livre em sua essência, ele é capaz de tomar decisões que irão construir os significados de sua existência, ele é o único ser que tem de conviver com o seu ser-para-a-morte e está aberto para optar entre viver ou morrer. Heidegger compreende que o homem não nasce determinado a ser nada, ele é possibilidade. Dasein é sempre uma possibilidade, e é nela que se encontra uma abertura para as experiências. É condição do Dasein ter que cuidar do seu próprio existir, dar sentido para as coisas, para o mundo, sabendo que não é possível transferir esta tarefa para outro (Heidegger, 2012). Desta forma, a vida pode ser percebida como um fardo que se tem de carregar, assim, o mundo pode se tornar um lugar inóspito. Essa consciência de si mesmo e de suas condições revela a essencial vulnerabilidade existencial do ser humano. É desta vulnerabilidade que aparece uma abertura para o possível uso de drogas. É lidando com a angústia do futuro desconhecido que se abre a possibilidade do uso de drogas como busca de uma vivência mais tranquila (Sodelli, 2010).

Sipahi e Vianna (2001), se embasando na compreensão da condição humana de Heidegger, compreendem que viver, para todas as pessoas, é difícil e sofrido em certos momentos. A partir da perspectiva da Fenomenologia Existencial heideggeriana, sua compreensão sobre o homem diz que todos existem lançados no mundo cuidando de sua existência, que o viver constitui em lidar com um mundo complexo, a condição do homem é de existir e se construir existindo. Os autores compreendem que perante um mundo adverso, o uso de drogas pode ser entendido como forma de transformação das sensações, que possibilitam um viver mais agradável e suportável.

Os colaboradores, portanto, ao se depararem com fases tristes em suas vidas, ou em momentos de grande estresse ou quando estão sob grande exigência, encontram nas drogas uma forma de mudar a maneira como se sentem em determinadas situações. A droga se torna uma maneira de lidar e suportar os problemas que viver lhes apresenta.

Consciência de adversidades na vivência do uso de drogas

É perceptível no discurso dos colaboradores, como eles reconhecem alguns efeitos que as SPAs causam como negativos. Compreendendo as exigências em suas vidas os participantes identificam que em alguns momentos os efeitos causados pelas substâncias não compactuam com a vivência acadêmica.

O participante J. comentou sobre os efeitos que o seu uso de drogas causam nele, da forma como ele fica após esse uso, explica que *“droga tem seus efeitos colaterais, seja ficar morgado, seja dormir, seja ficar com raiva de um negócio, tem efeito colateral...”*.

Sipahi e Vianna (2001) apresentam como consequência do uso contínuo de drogas a constante alteração das sensações, e a alteração da forma de estar no mundo, da pessoa. Noto e Formigoni (2002), ressaltam como efeitos prejudiciais do uso da maconha, problemas na memória, na concentração, na execução de tarefas, a redução de interesse e a desmotivação.

Além disso, J. compreende as formas como esses efeitos afetam negativamente sua vida, mais especificamente sua vida universitária. O colaborador, ao identificar esses efeitos, e ao compreender as maneiras como esses efeitos aparecem em sua vida, ele relatou que percebe que seu uso de drogas o prejudica, uma vez que ele tem objetivos, metas a cumprir, e diversas exigências que a vida universitária impele.

(...) pode esquecer, não ia estudar nada, ia passar a tarde inteira viajando, ouvindo, música, vendo filme, dormindo, laricando. Não estudava. Ai eu percebia dia após dia que a maconha me atrasava, pra vida que eu tinha escolhido de querer formar, estudar, fazer meu TCC, fazer estágio, de limpar a casa, de fazer atividades, exercício físico... para mim não funcionava... Quando eu chegava em casa muito tarde, fumava um e ficava acordado até três horas da manhã vendo filme, acordava super mal no outro dia, acordava meio dia, ai já tinha perdido a manhã toda, ia para o estágio de tarde, que não era um negócio que eu gostava, porque estava calor, porque tinha muita gente, e ai não tinha tempo para estudar (...) J.

Esses efeitos negativos são reconhecidos por J., tanto pensando na sua própria vivência, quanto nas de colegas, que também apresentam ter dificuldades de realizar obrigações que a universidade impõe devido à, aparentemente, o uso de substâncias, mesmo que lícitas: *“Muitos universitários que vão para o bar, sei lá, cinco vezes por semana, e no outro dia estão de ressaca e não conseguem fazer as coisas”*.

Silva et al. (2006) apontam, em sua pesquisa, que alunos que realizavam o consumo de drogas faltam às aulas proporcionalmente mais que alunos que não faziam uso das substâncias. Pesquisas como de Barría *et al* (2000) e Tavares, Béria e Lima (2001) apontam

resultados semelhantes, como prejuízos nas atividades acadêmicas por parte de estudantes que consumiam drogas.

O colaborador, portanto, percebe que as dificuldades de realizar determinadas atividades são notavelmente relacionadas com o uso de drogas. Ele diz: *“eu comecei a perceber que o uso de drogas estava me incomodando. Eu queria estudar um dia, eu fumava um, já era, por mais que eu conseguia estudar uma coisa, a droga em si estava me atrapalhando”*.

Vargas (2006) afirma que a sensação de “sair de si” que a droga causa é o efeito buscado, porém, trata-se de uma ação arriscada. O autor denomina essa sensação como onda, ele compreende que ela é construída pela relação do usuário, da substância, e do ambiente, fazendo com que o efeito não dependa só da pessoa que está consumindo a droga. O fato de a onda ser influenciada por diferentes fatores gera a possibilidade de consequências surpreendentes e imprevisíveis que, às vezes, são temidas pelos próprios usuários. Estes não desconhecem os riscos que o consumo de drogas envolve, pelo contrário, os consideram seja na escolha de onde conseguir as substâncias, ou de quais drogas e quais doses usarem.

Ao falar dos efeitos que ele percebe que o uso de drogas causa nele, o colaborador L. compreende que alguns desses efeitos não favorecem o seu desempenho em sua vida universitária. Relatado em sua fala: *“até porque deixa meio lerdo né, e atrapalha um pouco”*.

O participante M. relatou a forma como ele compreende o efeito negativo que a droga causa nele, pensando nas exigências que a vida universitária lhe impõe. O colaborador também apresenta a forma como ele lida com essas duas coisas, dizendo que, considerando que o efeito da droga o dificulta a atender essas exigências, ele tenta não misturar o seu uso com a parte da sua vida universitária que demanda dele produções: *“Eu não consigo produzir muito sob efeito de drogas, então eu tento não misturar muito essas partes, esses dois lados da minha vida”*.

Os colaboradores afirmaram que percebem os efeitos das drogas, e as consequências do uso, como dificultadores na realização de determinadas tarefas. Efeitos negativos são compreendidos por eles quando falam de produções exigidas pela universidade, e até atividades cotidianas. Assim como a percepção de mudanças indesejadas no corpo. Tais prejuízos e dificuldades no desempenho, podem, pensando nos relatos dos colaboradores, estarem relacionadas com os efeitos negativos que as substâncias causam.

Visão crítica sobre o uso

Partindo dos relatos feitos pelos colaboradores, conseguimos identificar formas críticas de pensamento que eles possuem em relação ao uso. É possível reconhecer em seus discursos a forma como o uso de SPAs e a vivência universitária foram se influenciando, mudando pensamentos e impressões prévias.

O colaborador J. demonstrou uma visão crítica ampla sobre o seu uso de drogas. Ele relatou como seu ingresso na universidade mudou sua percepção em relação às drogas, uma vez que ele entrou em um mundo onde ele pôde ver o consumo de drogas de uma maneira diferente da que ele estava acostumado. Como ele relata: “*então comecei a ver de uma forma diferente, pensava ‘essas pessoas estão na universidade e também estão usando drogas’ então comecei a pensar que aquilo não era necessariamente uma coisa ruim, em muitos casos pode ser, mas não necessariamente*”.

Este colaborador tem clareza do impacto que o ingresso na universidade teve na sua relação com as drogas, mas ele também contou das maneiras como o seu uso de drogas afetou a forma como ele vive a universidade. Percebemos a influência do seu uso na forma como ele pensa a universidade, os interesses que este consumo causou nele.

Então eu tento pensar nisso, é... hoje em dia até meu TCC é sobre drogas (...) todo dia eu penso sobre drogas e como moldar o meu jeito de usar elas de uma forma que seja saudável para mim e que eu não precise só cortar todas as drogas de uma vez, que eu possa ter alguns momentos da minha vida que eu use, que eu fume um brown, que use um LSD de vez em quando (...). J.

Partindo de uma concepção que diverge da política proibicionista, Sodelli (2010) reitera que o uso de drogas nem sempre se constitui como uma patologia ou um comportamento desviante. Dessa maneira a abordagem da Redução de Danos (RD) é apresentada como uma nova alternativa de prevenção, intervenção, e reflexão.

A Redução de Danos é um conjunto de políticas e práticas de saúde pública que envolve uma série de métodos que visam diminuir as consequências prejudiciais do consumo de drogas. A RD como política vai contra a concepção de combate e criminalização das drogas. Como prática de saúde pública é uma experiência em busca da defesa da vida (Lancetti, 2011). A Redução de Danos também pode tomar a forma de pensamento crítico, prática individual no desenvolvimento pessoal de estratégias de autocuidado. A concepção da redução de danos pode constituir uma visão acerca várias questões que envolvem o uso de drogas, como a qualidade da substância, a frequência e os locais de consumo, até a percepção individual do próprio uso.

O colaborador também apresenta uma visão crítica quando fala do lugar que o consumo de drogas ocupa em sua vida universitária, das maneiras como os dois âmbitos de sua vida mostram dificuldades de conciliação, e os modos que ele compreende como formas de harmonizar as duas coisas. Percebemos isso na fala seguinte:

(...) há dois meses já que meu uso está muito mais consciente, assim, no sentido de realmente dia após dia ter mais certeza de que a maconha fumada diariamente para mim não funciona. Pra criar uma rotina universitária mesmo, uma rotina de trabalho, de relação com minha namorada, por exemplo, que não usa drogas, eu tenho que fazer escolhas, sabe. Eu percebi então que a droga estava me travando para isso (...). Porque ao mesmo tempo que eu acho que a maconha é incompatível com as escolhas diárias que eu quero fazer no dia-a-dia, eu posso fumar de vez em quando, igual à maioria das pessoas bebe um pouco no sábado, todo fim de semana, vai para uma festa, vai para o bar com os amigos, ao invés de eu beber eu posso fumar um (...). J.

Quando pensamos as drogas além dos interesses de controle e proibição, as estratégias de intervenção e prevenção tomam outras formas. Assim, não será o médico, ou o psicólogo, quem vai definir a maneira como a pessoa irá se prevenir, mas é o próprio sujeito que irá questionar seu uso e refletir para achar formas de reduzir os males que envolvem esse consumo (Sodelli, 2010).

Considerando isso, o tema das drogas pode ser revisto. Se a questão não é mais do controle, nem de livrar as pessoas das drogas, poderão ser pensadas maneiras, estratégias de qualificar os modos de vida que se implicam nesse consumo (Vargas, 2006). E além da aplicação dessas estratégias, a própria reflexão acerca do uso é fundamental. Falando de Redução de Danos, o mais importante não é a mudança ou diminuição da droga em si, mas o fato da pessoa ter parado para pensar sobre o seu uso, ter refletido e feito o esforço a ponto de promover uma mudança (Lancetti, 2011).

No relato de J. identificamos ainda o impacto direto que não consumir drogas traz para sua vida acadêmica. O colaborador apontou a forma como a redução do seu uso de drogas impacta sua vivência acadêmica: “*Eu tenho muito mais vontade de acordar cedo, ir para o estágio e focar lá, realmente pegar os processos e fazer ação, os recursos, as petições, e aprender e fazer um negócio de qualidade, do que eu tinha antes*”.

O participante fala da importância da visão crítica para alcançar essa conciliação entre as duas coisas. Ele entende como necessário estar consciente de suas decisões, seus comportamentos, e do que elas causam na sua vida, dos impactos que elas têm em outras coisas que ele vê como objetivos. Vemos em sua fala: “*Se você quer seguir uma vida universitária de aprendizado mesmo, não estou falando que você precisa se abster, ficar*

numa caverna, usar nada, mas você tem que estar consciente do por que e do quê você está usando”.

As pessoas têm que assumir a responsabilidade sobre si mesmas, esse é o primeiro passo para rever seu consumo de drogas e usar cada vez menos. Elas que precisam se responsabilizar pela própria vida e ver que tem muito mais a se fazer do de ficar o tempo todo consumindo as substâncias. Portanto, estas estratégias de redução de danos devem partir da força da pessoa, de sua própria autonomia, que poderá perceber sua singularidade e particularidades de uma forma que gere mudança na relação delas com a vida e com as drogas (Lancetti, 2011).

Podemos identificar na fala de L. a percepção que ele tem da importância de uma visão crítica como maneira de diferenciar o seu uso de drogas da sua vida universitária. E com essa visão crítica lhe possibilita de ter momentos onde ele possa juntar esses dois aspectos de sua vida: *“Eu acho tranquilo porque meio que... assim... sabendo distinguir as duas coisas, sabendo colocar cada um no seu lugar, sabe? Tem momentos que dá para juntar as duas coisas”.*

Em seu relato, M. expressou uma posição crítica frente ao seu uso de drogas como uma forma de conseguir distinguir os momentos, ou de consumir e experimentar novas substâncias, ou de focar nas exigências da universidade: *“mas eu nunca tentei deixar muito isso influenciar as escolhas... sobre um tipo de droga nova que eu experimentar, ou um lugar novo que eu ia frequentar, eu sempre tentava ter uma visão um pouco mais crítica sobre certas coisas”.*

Dázio et al. (2016), ressaltam em sua pesquisa o fato de seus colaboradores considerarem e enfatizarem a necessidade de construir maneiras de autocontrole como forma de evitar o consumo compulsivo de drogas, além da percepção que eles têm das sensações produzidas pelas drogas como um aproveitamento da vivência universitária, e atribuírem importância a isso. Essa questão pode ser percebida nos relatos dos participantes desta pesquisa, uma vez que eles consideram importante a diferenciação dos dois âmbitos de sua vivência, e de tentar desenvolver formas de controlarem ou de conciliarem seu uso de drogas com sua vida universitária. Buscando maneiras de conseguirem corresponder às necessidades impostas pela universidade, sem abrir mão do consumo de drogas, até porque o contrário da dependência não é a abstinência, mas sim a liberdade (Pessanha, 1999).

Considerações finais

O encontro com os colaboradores possibilitou um olhar acerca o uso de SPAs realizado pelos mesmos através dos relatos feitos sobre suas próprias percepções desse uso. Nós abordamos o tema do uso de SPAs a partir da visão dos usuários e pudemos a relação percebida entre o consumo dessas substâncias e a vivência universitária dos colaboradores. Conseguimos apreender que o uso de drogas pode ocorrer de várias formas, cada uma com suas particularidades, mas também com suas semelhanças. Foi possível ver a postura dos participantes acerca desse consumo em relação às suas vivências na universidade, e as formas como as duas coisas se relacionam.

O contato com os relatos trouxe ao nosso conhecimento as percepções, compreensões, os significados atribuídos ao uso de SPAs. Dessa maneira conseguimos ver o uso de drogas além da “dependência” e da “patologia”, mas como um ato, que, como qualquer outro, mostrou diversas implicações e desdobramentos. Quando encaramos o tema das drogas com outro olhar que não seja proibicionista e discriminatório, podemos nos colocar disponíveis a buscar reconhecer os aspectos que envolvem o fenômeno em seu contexto (social, cultural, histórico). Nesse cenário, é importante pensarmos programas de prevenção ao consumo de substâncias psicoativas e a realização de mais estudos que possibilitem o conhecimento sobre estes programas e a eficácia deles. Além de políticas de intervenção e prevenção, a atenção para o fenômeno pode aparecer no desenvolvimento de formas de cuidado que apareçam em esferas pessoais, em forma de pensamento crítico e autocuidado.

A realização desta pesquisa me mostrou a importância e a riqueza de abordar o tema a partir das percepções, dos pensamentos, e dos relatos das vivências de quem faz o uso dessas substâncias. Abordar o tema do consumo de drogas sem buscar atribuir motivos ou culpas abre para a possibilidade de encontrar diversos aspectos do fenômeno e implicações da experiência que considero tão importantes quanto qualquer levantamento de dados.

Novas pesquisas nesta temática são necessárias tanto para dar continuidade a pesquisas já realizadas, mas também para abranger outras questões, como as experiências envolvendo o uso, compreensão crítica do próprio hábito de consumo, compatibilidade (ou falta dela) do uso com outros aspectos da vida, compreensão dos desdobramentos e repercussões do consumo de SPAs na vida em geral, entre outras formas de abordar o tema.

Referências

- Andrade A. G., Bassit A. Z., Kerr-Corrêa F., Tonhon A. A., Boscovitz E. P., Cabral M. ... Fukushima, J. T. (1997). Fatores de risco associados ao uso de álcool e drogas na vida, entre estudantes de medicina do estado de São Paulo. *Revista ABP-APAL/ Associação Brasileira de Psiquiatria e Asociación Psiquiátrica de América Latina* 19(4):117-26.
- Barria, A. C. R., Queiroz, S., Nicastrí, S., & Andrade, A. G. (2000). Comportamento do universitário da área de biológicas da Universidade de São Paulo, em relação ao uso de drogas. *Revista de Psiquiatria Clínica* 27(4): 215-224.
- Bello, A. A. (2006). *Introdução à fenomenologia*. Bauru: Edusc.
- Bortoluzzi, M. C., Capella, D. L., Traebert, J., & Presta, A. A. (2012). Uso de Substâncias Psicoativas entre Estudantes Universitários em Cidade do Sul do Brasil. *Arquivos de Medicina*, 26(1), 11-17. Recuperado em 05 de junho de 2019, de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-34132012000100001&lng=pt&tlng=pt.
- Chiapetti, N., & Serbena, C. A. (2007). Uso de álcool, tabaco e drogas por estudantes da área de saúde de uma Universidade de Curitiba. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(2), 303-313. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722007000200017>
- Coutinho, M. P. L., Araújo, L. F., & Gontiès, B. (2004). Uso da maconha e suas representações sociais: estudo comparativo entre universitários. *Psicologia em Estudo*, 9(3), 469-477. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722004000300015>
- Dázio, E., Zago, M., & Fava, S. (2016). Uso de álcool e outras drogas entre universitários do sexo masculino e seus significados. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 50(5), 785-791. <https://doi.org/10.1590/s0080-623420160000600011>
- Farinha, M. G. (2006). *Acompanhamento terapêutico como estratégia de inserção da pessoa em sofrimento psíquico na comunidade: estudo em um programa de saúde da família*. Tese de Doutorado, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. Doi:10.11606/T.22.2006.tde-23042007-165338.
- Goto, T. A. (2008). *Introdução à psicologia fenomenológica – a nova psicologia de Edmund Husserl*. São Paulo: Paulus.
- Heidegger, M. (2012). *Ser e tempo*. Trad. de Fausto Castilho. Editora da Unicamp; Vozes.
- Husserl, E., (1986) *A Idéia da Fenomenologia*, Edições 70, Lisboa.
- Lancetti A. (2011). *Clínica Peripatética*. 6a ed. São Paulo: Hucitec.
- Madrugá, C. S., Pinsky I., Mitsuhiro, S. S., Caetano, R., Laranjeira, R. R.. (2013) Segundo Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (II LENAD). São Paulo: Instituto Nacional

- de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas de Álcool e Outras Drogas (INPAD), UNIFESP.
- Martins J., Bicudo M. A. V. (2005). A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos. (5a ed.). São Paulo: Centauro.
- Musse, A. (2008). Apologia ao uso e abuso de álcool entre universitários: uma análise de cartazes de propaganda de festas universitárias. *SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool E Drogas*, 4(1), 01-13. <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.v4i1p01-13>
- Noto, A. R. & Formigoni, M. L. (2002). Drogas psicotrópicas e a política de saúde pública no Brasil. *Ciência hoje*, 181(4), 34-40.
- Pessanha, J. (1999). *Sabedoria do nunca*. São Paulo: Ateliê Editorial
- Pignarre, P. (1999). O que é o medicamento? Um objeto estranho entre ciência, mercado e sociedade, Rio de Janeiro, Editora 34, 150 pp.
- Secretária Nacional Antidrogas. (2001). *Um guia para a família*. Brasília: SENAD.
- Silva, L. V. E. R., Malbergier, A., Stempliuk, V.A., & Andrade, A. G. (2006). Fatores associados ao consumo de álcool e drogas entre estudantes universitários. *Revista de Saúde Pública*, 40(2), 280-288. <https://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102006000200014>
- Sipahi, F. M., & Vianna, F. C. (2001). Uma análise da dependência de drogas numa perspectiva fenomenológica existencial. *Análise Psicológica*, 19(4), 503-507. Recuperado em 05 de junho de 2019, de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312001000400002&lng=pt&tlng=pt.
- Sodelli, M. (2010). A abordagem proibicionista em desconstrução: compreensão fenomenológica existencial do uso de drogas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15(3), 637-644. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000300005>
- Stempliuk, V. A., Barroso, L. P., Andrade, A. G., Nicastri, S., & Malbergier, A. (2005). Comparative study of drug use among undergraduate students at the University of São Paulo: São Paulo campus in 1996 and 2001. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 27(3), 185-193. <https://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462005000300006>
- Tavares, B. F., Béria, J. U., & Lima, M. S. (2001). Prevalência do uso de drogas e desempenho escolar entre adolescentes. *Revista de Saúde Pública*, 35(2), 150-158. <https://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102001000200008>
- Turato, E. R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde Pública*, 39(3), 507-514. <https://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102005000300025>

- Turato, E. R. (2003). Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. (2a. ed.). Petrópolis: Vozes
- UNODC (2015). *World Drug Report*. New York: Nações Unidas.
- Vargas, E. V. (2006). Uso de drogas: a alteração como evento. *Revista de Antropologia*, 49(2), 581-623. <https://dx.doi.org/10.1590/S0034-77012006000200003>
- Wagner, G. A., & Andrade, A. G. (2008). Uso de álcool, tabaco e outras drogas entre estudantes universitários brasileiros. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, 35(Suppl. 1), 48-54. <https://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832008000700011>
- Wagner, G. A., Oliveira, L. G., Barroso, L. P., Nishimura, R., Ishihara, L. M., Stempliuk, V. A., Duarte, P. C. A. V., & Andrade, A. G. (2012). Drug use in college students: a 13-year trend. *Revista de Saúde Pública*, 46(3), 497-504. Epub April 24, 2012. <https://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102012005000033>
- Zeferino, M. T., Hamilton, H., Brands, B., Wright, M. G. M., Cumsille, F., & Khenti, A. (2015). Consumo de drogas entre estudantes universitários: família, espiritualidade e entretenimento moderando a influência dos pares. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 24(spe), 125-135. <https://dx.doi.org/10.1590/0104-07072015001150014>
- Nóbrega, M. P. S. S., Simich, L., Strike, C., Brands, B., Giesbrecht, N., & Khenti, A.. (2012). Policonsumo simultâneo de drogas entre estudantes de graduação da área de ciências da saúde de uma universidade: implicações de gênero, sociais e legais, Santo André - Brasil. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 21(spe), 25-33. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072012000500003>